



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras – IL
Departamento de Teoria Literária e Literatura – TEL
Letras – Língua Portuguesa e respectiva literatura

Andressa Lima e Silva

**Da imitação de Monteiro Lobato à emulação em Ana Maria Machado:
transposições infanto-juvenis do *Dom Quixote*.**

Orientador: Dr. Erikelto da Rocha Carvalho

Brasília – DF

2025

Andressa Lima e Silva

**Da imitação de Monteiro Lobato à emulação em Ana Maria Machado:
transposições infanto-juvenis do *Dom Quixote*.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao programa de Graduação do Departamento de Teoria Literária e Literatura, pertencente ao Instituto de Letras da Universidade de Brasília, sob a orientação do Professor Dr. Erivelto da Rocha Carvalho.

Brasília – DF

2025

**FICHA CATALOGRÁFICA - ELEMENTO OBRIGATÓRIO NA UNB PARA TCC,
TESES E DISSERTAÇÕES**

DEVE SER INSERIDA NO VERSO DA FOLHA DE ROSTO

GERADOR AUTOMÁTICO DE FICHA CATALOGRÁFICA

MONOGRAFIA: https://extensao.bce.unb.br/ficha_mono

TESES E DISSERTAÇÕES: <https://extensao.bce.unb.br/ficha>

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

?U47t Último/sobrenome, Prenome seguido demais nomes
 Título: subtítulo / Prenome seguido demais nomes
Último/sobrenome; orientador Prenome Último/sobrenome; co
orientador Prenome Último/sobrenome. -- Brasília, Ano.
 xx p.

 Monografia (Graduação - Curso) -- Universidade de
Brasília, Ano.

 1. Assunto principal. 2. Assunto específico. 3. Assunto
específico. 4. Assunto específico. 5. Assunto específico. I.
Último/sobrenome, Prenome, orient. II. Último/sobrenome,
Prenome, co-orient. III. Título.

Andressa Lima e Silva

Transposições infantojuvenis de *Dom Quixote* de Monteiro Lobato (*Dom Quixote das Crianças*) e de Ana Maria Machado (*O Cavaleiro do Sonho*)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao programa de Graduação do Departamento de Teoria Literária e Literatura, pertencente ao Instituto de Letras da Universidade de Brasília, sob a orientação do Professor Dr. Erivelto da Rocha Carvalho.

Data da aprovação: DD/MM/AAAA

Dr. Erivelto da Rocha Carvalho

Mestre/Doutor em XXXXXXXXXXXXX

Professor(a) da Faculdade/Instituto/Departamento (UnB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus familiares, que foram fundamentais ao longo da minha trajetória no curso de Letras. Em especial, à minha mãe e ao meu pai, que sempre me incentivaram a seguir em frente e se esforçaram diariamente para que eu pudesse me manter na Universidade. Sou grata às amigas Fernanda, Amanda e Emily, que estiveram ao meu lado durante as aulas, oferecendo apoio, companhia e motivação, especialmente nos momentos mais desafiadores do percurso. Expresso meu profundo reconhecimento ao meu marido, Fernando, cuja presença constante, afeto e companheirismo tornaram a rotina mais leve. Seu apoio incondicional e confiança em minha capacidade foram essenciais para que eu pudesse concluir esta etapa com serenidade. De forma especial e com muito amor, agradeço ao meu filho, Fernando Henrique, que mesmo tão pequeno, foi e continua sendo minha maior fonte de motivação. Sua existência renovou em mim a vontade de persistir e concluir este ciclo com dedicação e propósito. Por fim, agradeço a todos os professores da Universidade de Brasília, que, ao longo dos anos, me proporcionaram conhecimento, orientação e inspiração para que eu pudesse desenvolver este trabalho e finalizar minha formação com plenitude.

Dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado; mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-los.

Em suma, são livros que conseguem ser eternos e sempre novos. Mas que, ao serem lidos no começo da vida, são fruídos de uma maneira muito especial, porque “a juventude comunica ao ato de ler, como a qualquer outra experiência, um sabor e uma importância particulares”. Ou seja, não há razão para deixar de ler os clássicos desde cedo. Estão à nossa disposição, com toda a opulência de seu acervo, a generosidade de sua oferta. Dispensá-los por ignorância seria uma grande perda.

Ana Maria Machado (2002)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1 Problemas de Recepção e Intertextualidade nas Transposições Infanto-juvenis de <i>Dom Quixote</i> no Brasil	10
1.2 Breve apresentação das obras e justificativa do estudo	12
1.3 Definição do aparato teórico-crítico	14
2. <i>DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS</i>, DE MONTEIRO LOBATO	16
2.1 Fortuna crítica	19
2.2 Estratégias narrativas e estilísticas empregadas por Monteiro Lobato	20
2.3 Aspectos da cultura brasileira na obra	22
3. <i>O CAVALEIRO DO SONHO</i> DE ANA MARIA MACHADO	24
3.1 Fortuna crítica	26
3.2 Estratégias narrativas e estilísticas empregadas por Ana Maria Machado	27
4. ANÁLISE CONTRASTIVA	29
4.1 As transposições como redução ou reescrita?	30
4.2 Capítulos mais valorizados e suas transformações	32
4.3 A luta contra os moinhos de vento: três versões do delírio cavaleiresco	33
5. ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES	37
5.1 Reflexões sobre a importância das transposições	38
5.2 Impacto das versões na difusão do <i>Dom Quixote</i> no Brasil	40
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

1. INTRODUÇÃO

A literatura constitui um patrimônio cultural clássico que permanece vivo por meio de contínua releitura e reinterpretação pelas gerações subsequentes. Nesse processo, as obras clássicas atravessam temporalidades e contextos, questionando o conceito de fixidez do texto literário e exigindo abordagens que contemplem sua dimensão aberta e polifônica. É neste cenário que insere-se a manifestação das transposições literárias, as quais refletem a complexa relação entre tradição e inovação, autoria e leitura, originalidade e intertextualidade.

O clássico *Dom Quixote de la Mancha* (1605, 1615), de Miguel de Cervantes Saavedra (1547-1616), figura como uma das obras centrais da literatura ocidental justamente por sua riqueza simbólica, estrutura narrativa multifacetada e resistência interpretativa. Para além do texto original, *Dom Quixote* é um palimpsesto cultural, conforme ilustrado pela noção genettiana, em que sucessivas construções textuais “raspam” e “reescrevem” a inscrição anterior, sem apagá-la, criando, assim, uma transparência entre o antigo e o novo (Genette, 2010). Tal perspectiva amplia o campo analítico da literatura para além da simples adaptação, propondo o conceito de transposição, no qual o hipertexto se constitui em relação ao hipotexto por meio de transformações discursivas e intertextuais.

Este trabalho propõe analisar as transposições infantojuvenis de *Dom Quixote* realizadas por Monteiro Lobato, em *Dom Quixote das Crianças* (1936), e por Ana Maria Machado, em *O Cavaleiro do Sonho: As Aventuras e Desventuras de Dom Quixote de la Mancha* (2005). O estudo busca compreender o projeto literário de cada autor, bem como as estratégias narrativas e discursivas adotadas, analisando de que modo as versões estabelecem um diálogo com o texto cervantino original, preservando seu núcleo temático e simbólico, ao mesmo tempo em que recriam a obra para os contextos culturais e as necessidades do público infantojuvenil brasileiro.

Na concepção de Genette (2010), a transposição deve ser entendida como uma forma específica de hipertextualidade, que envolve não apenas a tradução ou a adaptação de um texto, mas uma releitura que constitui uma obra nova, inserida em relações intertextuais intrincadas e complexas. Essa distinção é primordial, pois, conforme aponta o próprio Genette, o texto que

se subordina ao hipotexto não é uma mera cópia, mas uma reelaboração dialógica em que as marcas do texto original são evidentes e simultaneamente transformadas. Assim, pode-se afirmar que as transposições de Monteiro Lobato e de Ana Maria Machado são recriações inéditas: palimpsestos que assumem o texto cervantino como ponto de partida para a construção de significados diversos.

Para este trabalho, serão também consideradas as especificidades da literatura infantojuvenil, cujas demandas linguísticas, cognitivas e pedagógicas são destacadas por especialistas como Regina Zilberman (2003) e Nelly Novaes Coelho (2000), as quais reconhecem a literatura para crianças e jovens como um campo exclusivo, dotado de critérios próprios de produção e recepção, e não como mera simplificação da literatura adulta.

Dessa forma, as obras em análise configuram-se como transposições literárias estratégicas e culturalmente fundamentadas, que reconfiguram o texto literário cervantino para garantir sua disponibilidade simbólica e estética às novas gerações. Tal reelaboração envolve questões cruciais, como a construção de estratégias narrativas voltadas à compreensão e ao engajamento do leitor, a mediação cultural adaptada ao público infantojuvenil e a interpretação dos conteúdos temáticos clássicos sob a ótica do presente, para além da simples simplificação de conteúdos.

Por fim, a reflexão será ampliada pelo conceito de imitação e emulação na tradição literária, apontando as diferenças entre a profundidade formal e a recriação crítica na relação dos autores com o texto cervantino. Essa análise permitirá um olhar refinado sobre as singularidades das versões propostas por Monteiro Lobato e por Ana Maria Machado.

1.1 Problemas de Recepção e Intertextualidade nas Transposições Infantojuvenis de *Dom Quixote* no Brasil.

A adaptação de um clássico como *Dom Quixote* para o público infantojuvenil apresenta desafios significativos que autores brasileiros, como Monteiro Lobato e Ana Maria Machado, tiveram que enfrentar. Entre esses desafios, destacam-se três questões estruturais principais.

O primeiro desafio diz respeito à complexidade da obra original de Cervantes. A narrativa é multifacetada, com linguagem arcaica, estruturas narrativas intrincadas e uma ironia refinada, que articula-se em diferentes camadas de sentido. Tornar esse universo acessível ao público jovem exige simplificação, mas tal processo pode comprometer aspectos essenciais, como a crítica social, a profundidade psicológica dos personagens e a riqueza da intertextualidade cervantina. A célebre cena dos moinhos de vento, por exemplo, não se limita a um episódio cômico; ela funciona como metáfora da luta entre imaginação e realidade. Nas adaptações, contudo, a dimensão crítica dessa passagem pode ser atenuada, reduzindo-se a um momento de aventura ou humor, o que transforma a experiência do leitor.

O segundo desafio refere-se à diferença geracional e cultural entre o autor do século XVII e os jovens leitores contemporâneos. O abismo de referências contextuais obriga os adaptadores a buscar equivalências temáticas que preservem o núcleo da obra, mas dialoguem com a sensibilidade atual. Questões de honra e idealismo, centrais no contexto espanhol, podem ser reformuladas em valores mais próximos ao repertório juvenil, como a coragem, a amizade ou o enfrentamento de medos. Assim, os adaptadores não apenas traduzem palavras, mas transcodificam experiências históricas para universos simbólicos reconhecíveis pelas crianças.

O terceiro desafio é a nacionalização do texto. Tornar um clássico espanhol significativo para o público brasileiro implica recriar contextos e estratégias de humor sem apagar a universalidade da obra. Isso envolve uma tradução cultural complexa, que não se restringe ao idioma, mas alcança hábitos, símbolos e referências locais. Monteiro Lobato, em *Dom Quixote das Crianças* (1936), opta por ambientar a narrativa no conhecido universo do *Sítio do Picapau Amarelo* (1920). Nesse espaço familiar, Dona Benta atua como mediadora, conduzindo a recepção da história e moldando a leitura sob a perspectiva pedagógica. Essa estratégia aproxima Cervantes do leitor infantil brasileiro e adapta a crítica irônica da obra, privilegiando aventuras e ações em detrimento da mordacidade social.

Ana Maria Machado, em *O Cavaleiro do Sonho* (2005), trilha outro caminho. Sua linguagem poética e introspectiva preserva o núcleo simbólico da obra, reinterpretando-a em sintonia com as sensibilidades contemporâneas. A autora explora dimensões emocionais que se

alinham à psicologia infantil, permitindo que o jovem leitor se reconheça nos dilemas de Dom Quixote. Se por um lado essa abordagem favorece a empatia e a conexão afetiva, por outro desloca a obra de sua crítica ao tecido social da época, transformando a ironia em delicadeza lírica.

A intertextualidade surge como questão adicional nas transposições. Adaptar Cervantes exige recriar diálogos com tradições literárias sem recorrer a citações diretas, mantendo camadas de significado acessíveis ao novo público. Tanto Lobato quanto Machado, em suas respectivas estratégias, enfrentam a inevitável redução da polifonia cervantina, mas o fazem de modos distintos: o primeiro substitui a ironia por humor pedagógico; a segunda converte o tom satírico em lirismo reflexivo.

O impacto desses desafios é expressivo. A obra de Lobato se destaca pela vivacidade narrativa e pela familiaridade cultural, ainda que à custa de parte do vigor crítico de Cervantes. Já a versão de Machado se diferencia pela sensibilidade estética, mas pode perder em termos de aprofundamento social. Em ambos os casos, as perdas são compensadas por ganhos criativos, que tornam a leitura possível, instigante e formativa para as novas gerações.

Em conclusão, as transposições em *Dom Quixote* para o público infantojuvenil no Brasil revelam um processo que ultrapassa a mera simplificação do clássico: trata-se de recriar um cânone literário em diálogo com novas realidades culturais e geracionais. Cada escolha feita pelos adaptadores, seja no plano da linguagem, da estrutura ou do contexto cultural, expressa não apenas uma solução narrativa, mas também um gesto de reinterpretação criativa que assegura a permanência da obra de Cervantes na tradição leitora brasileira.

1.2 Breve apresentação das obras e justificativa do estudo.

A obra *Dom Quixote de la Mancha* (1605, 1615), escrita por Miguel de Cervante é considerada um dos pilares da literatura ocidental, tendo influenciado profundamente o desenvolvimento do romance moderno. Por meio de uma narrativa engenhosa, marcada pela sátira, pela metalinguagem e pela crítica social, o livro acompanha as desventuras de Dom

Quixote, um fidalgo espanhol que enlouquece após ler muitos romances de cavalaria e decide tornar-se cavaleiro andante. A história de Dom Quixote atravessou séculos e fronteiras, sendo objeto de inúmeras traduções, releituras e transposições para diferentes públicos e contextos culturais.

No Brasil, duas transposições da obra original se destacam por seu caráter voltado ao público infantojuvenil e por suas estratégias de reaproximação cultural: *Dom Quixote das Crianças*, de Monteiro Lobato, publicada pela primeira vez em 1936, e *O Cavaleiro do Sonho: As Aventuras e Desventuras de Dom Quixote de la Mancha*, de Ana Maria Machado, lançada em 2005. As duas versões visam tornar o clássico acessível a jovens leitores brasileiros, cada qual seu modo: Lobato, com um estilo didático e humorístico, reconta a obra inserindo-a dentro do universo do *Sítio do Picapau Amarelo*, enquanto Ana Maria Machado propõe uma narrativa mais poética, introspectiva e simbólica, ressaltando o idealismo do protagonista.

Este estudo justifica-se pela relevância de compreender como obras clássicas da literatura ocidental podem ser recriadas para o público infantojuvenil, preservando seu valor literário e, ao mesmo tempo, dialogando com a cultura, a linguagem e o imaginário dos leitores contemporâneos. Ao analisar comparativamente as adaptações de Monteiro Lobato e Ana Maria Machado, busca-se investigar quais estratégias narrativas e culturais são empregadas na transposição da obra original para o universo juvenil brasileiro, e em que medida essas estratégias se aproximam ou se diferenciam entre si. A escolha das duas obras se dá não apenas por sua representatividade e circulação no meio editorial e escolar, mas também por revelarem concepções distintas de leitura, infância e literatura.

Dessa forma, este estudo busca contribuir, também, para o campo da literatura comparada e da formação do leitor, ao problematizar os processos de adaptação e recepção de obras clássicas na educação literária brasileira, valorizando a relação entre tradição e inovação no diálogo entre culturas e épocas distintas.

1.3 Definição do aparato teórico-crítico.

Para fundamentar teoricamente o presente trabalho, este capítulo apresenta um conjunto articulado de reflexões críticas que abarcam os estudos sobre transposições literárias, os conceitos específicos da literatura infantojuvenil e as interpretações críticas em torno da obra cervantina. A abordagem busca apresentar, de forma coerente e ponderada, os pressupostos teóricos que sustentam a análise das reformulações brasileiras de *Dom Quixote* voltadas ao público infantojuvenil.

Aqui, a transposição literária é compreendida como um processo de recriação e deslocamento textual, em que um texto-fonte (hipotexto) é reconfigurado para um novo público, em um novo contexto e com objetivos específicos, sem que se limite à ideia de redução ou simplificação. Conforme Gérard Genette, em *Palimpsestos* (2010), a transposição é uma forma de hipertextualidade, ou seja, uma relação entre um hipertexto e um hipotexto, em que o segundo serve de base para a construção do primeiro, sem necessidade de citação direta. Essa operação implica transformações no estilo, na finalidade e no público-alvo da obra original. No caso das transposições de *Dom Quixote*, o que se observa é uma reelaboração discursiva da narrativa cervantina, ajustada ao campo da literatura infantojuvenil brasileira.

Tais reformulações não devem ser interpretadas como adaptações inferiores ou empobrecidas, mas como recriações que dialogam com a obra-fonte e a atualizam a partir das necessidades de um novo público. Linda Hutchison (2013), em *Uma teoria da adaptação*, entende a transposição como uma forma de reescrita que envolve tanto a fidelidade quanto a criatividade. Embora sua abordagem privilegie as manifestações pós-modernas e intermediárias das adaptações, sua concepção de que adaptar é também criar e interpretar oferece elementos úteis para pensar as transposições literárias, desde que se tenha o devido cuidado conceitual. Neste trabalho, portanto, sua teoria será empregada pontualmente, evitando generalizações que reduzam a complexidade do processo literário.

No campo da literatura infantojuvenil, a transposição de obras clássicas desempenha uma função introdutória e formativa. Segundo Zilberman (2003), ao transpor uma obra do cânone para o público jovem, o autor não apenas traduz linguisticamente, mas seleciona

aspectos temáticos e ideológicos que preservam o núcleo simbólico do original, ao mesmo tempo em que estabelecem vínculos com o universo cultural do leitor contemporâneo. Nelly Novaes Coelho (2000) reforça essa perspectiva ao destacar que a literatura para crianças e adolescentes possui critérios e funções próprias, não devendo ser julgada como uma mera versão atenuada da literatura adulta. Assim, as obras *Dom Quixote das Crianças*, de Monteiro Lobato (1936), e *O Cavaleiro do Sonho*, de Ana Maria Machado (2005), devem ser compreendidas como traduções culturais e pedagógicas, que reorganizam a estrutura e o tom do original para cumprir finalidades específicas.

Nesse sentido, Monteiro Lobato nacionaliza a narrativa ao inseri-la no contexto do *Sítio do Picapau Amarelo* (1920), criando um ambiente familiar ao leitor brasileiro da época e estabelecendo um narrador participante, mediador do contato com o clássico. Ana Maria Machado, por sua vez, opta por uma linguagem poética e introspectiva, aproximando-se do romance tradicional e explorando a sensibilidade do jovem leitor contemporâneo. Ambas as obras mobilizam estratégias discursivas distintas, mas igualmente eficazes na tarefa de recontar *Dom Quixote*.

Por fim, a teoria de Mikhail Bakhtin (1988) é mobilizada para compreender a dimensão dialógica da linguagem e a estrutura do romance moderno. Em sua leitura de *Dom Quixote*, Bakhtin destaca a presença da polifonia, isto é, a confluência de múltiplas vozes sociais, ideológicas e narrativas. A obra cervantina inaugura uma nova forma de conceber o sujeito literário, marcada pela alteridade e pela tensão entre diferentes visões de mundo. As transposições infantojuvenis analisadas aqui, ao reescreverem *Dom Quixote*, lidam com essa polifonia, reinterpretando as vozes originais de modo a dialogar com o “horizonte de expectativas” de leitores em formação (Jauss, 2002).

Assim, ao adotar os conceitos de transposição (Genette, 2010), reescrita criativa (Hutcheon, 2013), especificidade da literatura infantojuvenil (Zilberman, 2003; Coelho, 2000) e dialogismo (Bakhtin, 1988), este trabalho busca compreender as reformulações de *Dom Quixote* não como reduções, mas como estratégias elaboradas de mediação cultural que conservam e transformam os sentidos da obra original para novos contextos e públicos.

2. DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS, DE MONTEIRO LOBATO

A transposição de obras clássicas desempenha um papel fundamental no desenvolvimento de uma leitura crítica e reflexiva, proporcionando ao leitor jovem a oportunidade de acessar conceitos essenciais, como a sátira social, as questões de identidade, ética e moral presentes em *Dom Quixote*. Tais questões continuam a ser pertinentes e relevantes no contexto contemporâneo. Nesse sentido, a transposição de *Dom Quixote* realizada por Monteiro Lobato, em 1936, é um exemplo notável dessa prática, refletindo uma contribuição significativa para a literatura infantojuvenil brasileira. Sobre o processo de adaptação literária para o público infantil, Böhn (2004) ressalta que:

O processo de adaptação, para o público infantil, revela-se como algo passível de questionamento devido à participação de dois sujeitos, no caso, uma criança (destinatário) e um adulto (emissor), pela especificidade do destinatário e pelas possíveis escolhas feitas pelo emissor. No entanto, o artifício pode configurar-se como uma solução, à medida que faculta à criança o acesso a objetos ou artefatos não destinados, inicialmente, a ela. O perfeito entrosamento entre prática do adaptador e o emissor a que se destina o objeto adaptado faz com que o processo deixe de ser um problema para aparecer como uma solução (Böhn, 2004, p. 59)

Desse modo, através de seu estilo característico, Lobato traz para o universo infantil as aventuras do cavaleiro andante, recontando os episódios mais marcantes da obra original por meio de uma linguagem acessível, envolvente e culturalmente próxima da realidade brasileira. Além disso, ele seleciona episódios específicos que têm maior apelo para o público infantil, como a luta contra os moinhos de vento, os embates com os encantadores e a nomeação de Dulcineia. Outros episódios de tom mais melancólico ou filosófico são minimizados ou excluídos, mantendo o foco na ação e na aventura. A narrativa é enquadrada no universo do *Sítio do Picapau Amarelo*, no qual Dona Benta apresenta a história às crianças do sítio, promovendo, assim, não apenas o entretenimento, mas também a formação leitora e crítica dos pequenos.

Ao longo de sua transposição, Lobato enfatiza de maneira recorrente a importância da obra, os motivos que a qualificam como um clássico e os objetivos subjacentes à sua construção, oferecendo uma leitura que transcende o caráter meramente humorístico da narrativa. Esse enfoque permite que o leitor jovem compreenda a profundidade dos temas tratados, estabelecendo um diálogo com sua própria visão de mundo.

— Meus filhos — disse Dona Benta —, esta obra está escrita em alto estilo, rico de todas as perfeições e sutilezas de forma, razão pela qual se tornou clássica. Mas como vocês ainda não têm a necessária cultura para compreender as belezas da forma literária, em vez de ler vou contar a história com palavras minhas (Lobato, 1936, p. 13).

A forma como a narrativa é construída revela uma preocupação didática e literária. O papel de narradora e mediadora que Dona Benta desempenha, guia os ouvintes – e, por extensão, os leitores – pelas aventuras de Dom Quixote e seu fiel escudeiro, Sancho Pança. A presença constante de comentários, interrupções e perguntas por parte das crianças do sítio cria um ambiente de leitura compartilhada, no qual o enredo é reinterpretado à luz da experiência dos personagens e do público infantil. Essa estratégia contribui para tornar os episódios, muitas vezes complexos e carregados de ironia na obra original, mais compreensíveis e envolventes para crianças e jovens, pois, além de narrar a história de forma magistral, Dona Benta também atua como intermediária linguística, explicando e traduzindo termos antigos ou pouco usuais, o que contribui significativamente para a compreensão da obra pelos pequenos leitores. A linguagem de Lobato é marcada por um vocabulário acessível, uso de expressões populares e construções sintáticas que remetem à oralidade, o que confere leveza e ritmo à narrativa. A inserção de frases como “Esse Sancho é danado de esperto, parece até um roceiro nosso!” (Lobato, 2008, p. 34) exemplifica a naturalização da fala dos personagens e sua ancoragem no contexto cultural brasileiro.

Lobato também se vale da intertextualidade, tanto ao se referir diretamente à obra de Cervantes quanto ao dialogar com outros conhecimentos, como história, geografia, filosofia e ciências. O autor insere explicações e reflexões em meio à narrativa, ampliando o repertório cultural do leitor e promovendo uma leitura ativa. Por exemplo, ao falar sobre a Idade Média, a estrutura dos castelos ou os cavaleiros andantes, Dona Benta fornece informações que

contextualizam a ação, transformando a leitura em uma experiência de aprendizado interdisciplinar.

O uso do humor e da ironia é outro elemento recorrente. Emília, em especial, assume a função de personagem cômica e crítica, frequentemente questionando o comportamento de Dom Quixote com tiradas irônicas. Ao comentar a luta contra os moinhos de vento, por exemplo, ela diz: “Se isso é ser herói, então qualquer maluco com uma espada de pau também pode ser!” (Lobato, 2008, p. 42). Essa ironia não desmerece a figura do cavaleiro, mas propõe uma leitura que valoriza o discernimento e a liberdade de interpretação.

Por fim, destaca-se o recurso à narrativa em camadas, em que o texto de Cervantes é apresentado dentro de outra narrativa – a do Sítio – criando uma espécie de “história dentro da história”. Essa estratégia metalinguística evidencia a consciência do ato de narrar e incentiva o leitor a refletir sobre os limites entre realidade e ficção, elemento central tanto na obra original quanto na transposição.

Além disso, Monteiro Lobato “abrasileira” a história ao incorporar expressões, referências e modos de vida característicos do Brasil da primeira metade do século XX. As comparações feitas pelos personagens com situações do cotidiano rural brasileiro ajudam a aproximar a narrativa da realidade do público-alvo, sem, no entanto, comprometer o enredo central da obra de Cervantes. Dom Quixote continua sendo um fidalgo que enlouquece ao ler romances de cavalaria, decidido a sair pelo mundo lutando contra injustiças – ainda que seus inimigos muitas vezes não passem de moinhos de vento.

Do ponto de vista crítico, é possível apontar ganhos e perdas na adaptação lobatiana. Por um lado, a simplificação da linguagem e a seleção de episódios podem levar à redução de parte da complexidade filosófica, estética e crítica do original. A profundidade da ironia de Cervantes, por exemplo, é suavizada, e certas reflexões existenciais são apenas sugeridas. Por outro lado, a obra de Lobato cumpre um papel fundamental como ponte entre o leitor iniciante e os grandes clássicos da literatura mundial. Ao adaptar *Dom Quixote das Crianças*, o autor brasileiro oferece uma porta de entrada para o universo literário, despertando a curiosidade, o senso crítico e o prazer pela leitura desde cedo.

2.1 Fortuna crítica.

A obra *Dom Quixote das Crianças* (1936), de Monteiro Lobato, tem sido objeto de atenção crítica e acadêmica, principalmente por sua relevância histórica na literatura infantojuvenil brasileira e pelo valor de sua transposição literária de um clássico universal. O interesse pela obra não se dá apenas na perspectiva da literatura infantil, mas também como uma produção cultural que dialoga com o processo de recepção e reinterpretação de textos clássicos contemporâneos.

Estudos indicam que Lobato, ao inserir a narrativa do cavaleiro andante no universo do *Sítio do Picapau Amarelo*, criou uma forma inovadora de mediação cultural, aproximando o público infantil de obras consideradas complexas e densas, por meio do uso de uma linguagem acessível e do recurso narrativo da presença de uma mediadora, Dona Benta (Tomizaki, 2018; Caiado, 2012). Esta inserção metanarrativa da história no cotidiano do sítio confere dinâmica pedagógica ao texto, tornando-o multifacetado e interdisciplinar.

A crítica também destaca que a transposição lobatiana conserva elementos centrais do texto cervantino, sobretudo na construção das personagens e na manutenção dos conflitos entre realidade e fantasia, possibilitando a aproximação da criança com temas como ética, moral, identidade e crítica social (Souza, 2015; Costa Pina, 2009). Ainda que haja simplificações e exclusões de passagens filosóficas e melancólicas, Lobato consegue preservar a essência irônica e satírica da obra original, o que é extremamente reconhecido na literatura especializada (Evangelista, 2005).

Uma avaliação frequente na fortuna crítica refere-se ao equilíbrio entre as perdas inevitáveis em qualquer processo de transposição e os ganhos que advêm da democratização do acesso ao clássico. Autores como Canavaggio (2006) e Watt (1997), cujas reflexões fundamentam a importância histórica e simbólica de *Dom Quixote*, embasam o entendimento de que a releitura de Lobato, embora menos complexa, é válida e funcional dentro de seus objetivos formativos e culturais.

Por fim, destaca-se que estudos contemporâneos comprovam que a obra, pela sua longevidade e constante reedição, mantém viva a discussão sobre o papel da literatura infantil na preservação e difusão do patrimônio cultural clássico, convocada como estímulo ao pensamento crítico e à formação cultural dos jovens leitores (Tomizaki, 2018). Observa-se, assim, que a permanência e a atualidade do texto resultam da conjugação entre tradição cultural e estratégias de adaptação voltadas ao público infantojuvenil, evidenciando uma tendência à reescrita que alia entretenimento, mediação cultural e intencionalidade pedagógica. É a partir desse balanço que a presente discussão avança para a análise das estratégias narrativas e estilísticas empregadas por Monteiro Lobato, examinadas no tópico seguinte.

2.2 Estratégias narrativas e estilísticas empregadas por Monteiro Lobato.

Monteiro Lobato é reconhecido como um dos principais responsáveis pela consolidação da literatura infantojuvenil no Brasil, e suas estratégias narrativas e estilísticas refletem um compromisso tanto com o entretenimento quanto com a formação cultural e moral dos jovens leitores. Essas características são visíveis em toda a sua produção, incluindo obras emblemáticas como *Reinações de Narizinho* (1931) e *O Saci* (1921), nas quais a linguagem acessível, coloquial e próxima à oralidade infantil é utilizada para criar identificação e envolvimento direto com o leitor.

Um exemplo claro dessa linguagem pode ser encontrado na obra *Reinações de Narizinho*, onde o narrador se dirige diretamente ao leitor com um tom próximo ao de um contador de histórias ou amigo, facilitando a aproximação da criança com o texto: — Que tristeza viver assim tão sozinha neste deserto... Mas engana-se. Dona Benta é a mais feliz das vovós, porque vive em companhia da mais encantadora das netas — Lúcia, a menina do narizinho arrebitado, ou Narizinho como todos dizem. ” (Lobato, 1931, p.1). Essa comunicação direta desmistifica a distância entre texto e leitor, tornando a leitura uma experiência interativa e prazerosa. Ademais, Lobato empregou diálogo intenso e recheado de expressões regionais e trocadilhos em suas obras, como em *O Saci*, fortalecendo o aspecto lúdico e aproximando o universo infantil do cotidiano brasileiro.

No aspecto estilístico, Lobato faz uso da onomatopeia e de recursos sensoriais que tornam as cenas vivas e concretas para as crianças, como apresentadas em *Caçadas de Pedrinho* (2019), no retrato do som da mata e do vento. Ele também resgata e valoriza elementos do folclore, do imaginário e das tradições brasileiras, como o Saci e a Cuca, promovendo não só o entretenimento, mas também a educação cultural e a ligação identitária dos pequenos leitores.

Essas mesmas estratégias são manifestadas de forma clara e intencional na adaptação da obra cervantina *Dom Quixote das Crianças*. Nessa obra, Lobato preserva a essência do clássico, mas transforma sua narrativa por meio da simplificação do vocabulário, da construção de diálogos acessíveis e do destaque para o aspecto lúdico da aventura, criando um texto de fácil compreensão para o público infantojuvenil. No episódio da luta contra os moinhos, por exemplo, a dramaticidade original é diminuída em favor de uma linguagem direta e envolvente, com diálogos que aproximam o leitor infantil sem perder a essência da fantasia cavaleiresca: “— Sancho, meu caro Sancho! — bradou Dom Quixote. — A fortuna começa a favorecer-nos... — Gigantes? — repetiu o escudeiro...” (Lobato, 2008, p. 87).

Assim, Lobato utiliza sua experiência com estratégias narrativas que valorizam a oralidade, o diálogo e o lúdico em um texto clássico, demonstrando sua habilidade em transportar obras complexas para linguagens infantis, sem perder a carga simbólica e crítica da origem.

Além disso, no texto de *Dom Quixote das Crianças*, há a presença da função pedagógica, característica marcante da obra lobatiana. Por meio das aventuras e desventuras do cavaleiro andante, o autor transmite valores morais como coragem, justiça e persistência, de maneira leve e divertida, estimulando também a reflexão nas crianças. Essa combinação de entretenimento, linguagem adaptada e função educativa sustenta a importância de Lobato não apenas como escritor, mas como formador de leitores e cidadãos.

Portanto, as estratégias narrativas e estilísticas desenvolvidas por Monteiro Lobato ao longo de sua produção literária – uso da oralidade, linguagem coloquial, diálogo dinâmico, recursos lúdicos, valorização do folclore e função pedagógica – são aplicadas também em

Dom Quixote das Crianças, aproximando um texto clássico do universo infantil brasileiro e possibilitando uma leitura acessível, prazerosa e formativa. Essa adaptação singular ilustra como Lobato pôde dialogar com a cultura universal e com a audiência local, reafirmando sua relevância no panorama da literatura infantojuvenil.

2.3 Aspectos da cultura brasileira na obra.

Em *Dom Quixote das Crianças*, Monteiro Lobato traz a obra de Cervantes ao público infantojuvenil brasileiro por meio de uma série de estratégias narrativas e culturais que localizam a história no universo do *Sítio do Picapau Amarelo*, espaço simbólico da infância nacional. Conforme discutido anteriormente, a obra é narrada a partir de Dona Benta, figura materna e pedagógica que introduz a história do cavaleiro andante aos netos Pedrinho e Narizinho, além da boneca Emília e da cozinheira Tia Nastácia. Essa estrutura permite que a história espanhola seja filtrada por vozes brasileiras, criando paralelos e comparações com o cotidiano rural do Brasil. Em uma passagem, Pedrinho comenta: “Esse Sancho Pança parece aqueles roceiros nossos, cheio de manhas, mas também muito sabido...” (Lobato, 2008, p. 34), o que evidencia a aproximação dos personagens estrangeiros com figuras típicas da realidade brasileira, construindo uma ideia mais clara dos personagens aos leitores.

Além disso, o uso de expressões populares, como nos comentários irônicos de Emília – “Ora, um cavaleiro que briga com moinhos pensando que são gigantes? Isso é o que dá ler demais e comer de menos!” (Lobato, 2008, p. 41) – contribui para o tom cômico e crítico da obra, ao mesmo tempo em que reflete o espírito questionador e satírico que caracteriza a personagem e, de certo modo, o próprio projeto literário de Lobato, além de mostrar o olhar que provavelmente uma criança teria ao escutar essa história, aproximando mais a obra do leitor a quem a obra se destina.

Elementos da cultura nacional, como a culinária caseira representada por Tia Nastácia e a oralidade que estrutura os diálogos, tornam a transposição uma reinterpretação enraizada no imaginário brasileiro. Assim, Lobato não apenas aproxima *Dom Quixote* de seu leitor, como

também o insere em um contexto cultural reconhecível, transformando-o em um clássico acessível e nacionalizado.

Quanto à obra de Ana Maria Machado, um dos aspectos culturais presentes em sua transposição é a ênfase na dimensão afetiva e introspectiva do protagonista, que ressoa com a valorização brasileira da subjetividade e da sensibilidade emocional. A valorização da dimensão afetiva e introspectiva na formação dos estudantes é cada vez mais reconhecida como aspecto fundamental pelas escolas brasileiras. O desenvolvimento das competências socioemocionais, como a empatia, a autorreflexão e a gestão emocional, contribui para a construção de ambientes escolares mais acolhedores, inclusivos e propícios ao aprendizado integral. Essas habilidades não apenas favorecem o desempenho acadêmico, mas também promovem o bem-estar psicológico dos alunos, preparando-os para enfrentar os desafios pessoais e sociais de forma mais equilibrada e consciente.

Assim, a transposição em *O Cavaleiro do Sonho*, de Ana Maria Machado, torna-se especialmente necessária e relevante. Ao apresentar uma narrativa que enfatiza os aspectos emocionais e reflexivos de *Dom Quixote*, a obra oferece aos jovens leitores uma oportunidade de se conectar com suas próprias emoções e dilemas, estimulando a empatia e o pensamento crítico. Essa aproximação sensível ao universo interior do personagem contribui para que a literatura clássica deixe de ser vista como distante ou inacessível, tornando-se um instrumento eficaz para a formação integral do aluno.

Portanto, a transposição realizada por Ana Maria Machado não só preserva a riqueza literária do texto original, mas também responde às demandas contemporâneas da educação brasileira, que busca integrar o desenvolvimento cognitivo e emocional. Ao inserir valores e temas que dialogam com a realidade dos estudantes, a obra fortalece o papel da literatura como ferramenta pedagógica capaz de promover a reflexão, a identificação e o crescimento pessoal, aspectos essenciais para a construção de uma educação mais humanizada e transformadora. Com o propósito de aprofundar a análise dessas estratégias, o próximo tópico se dedicará à obra *O Cavaleiro do Sonho*, de Ana Maria Machado.

3. O CAVALEIRO DO SONHO, DE ANA MARIA MACHADO

O Cavaleiro do Sonho: As Aventuras e Desventuras de Dom Quixote de la Mancha (2005), de Ana Maria Machado, é uma recontagem poética e delicada do clássico de Cervantes, voltada ao público infantojuvenil. Publicada pela Editora Objetiva no contexto da coleção *Reencontro Infantil* (2005), a obra apresenta um texto condensado, mas fiel ao espírito do original, valorizando a subjetividade, a linguagem simbólica e a beleza das imagens. Machado, escritora e jornalista consagrada da literatura infantil brasileira – a primeira desse gênero a fazer parte da Academia Brasileira de Letras –, reinterpreta a história de Dom Quixote como uma metáfora do idealismo, da imaginação e da persistência diante de um mundo muitas vezes hostil aos sonhos.

Assim como a própria autora afirma: “este livro é uma conversa” (Machado, 2005, p.1). De fato, Ana Maria Machado conduz sua narrativa como um diálogo íntimo com o leitor. Enquanto reconta os principais acontecimentos da obra original de Cervantes, ela também compartilha suas opiniões, defende Dom Quixote e oferece explicações sobre aspectos mais sutis do romance original, elementos que muitos leitores, talvez, só percebam através de uma leitura atenta e prolongada.

Um exemplo marcante disso é a forma como a autora evidencia, de maneira clara e acessível, a inversão de papéis entre os personagens principais. No início da obra de Cervantes, Dom Quixote está imerso em seu mundo imaginário, repleto de delírios e batalhas contra inimigos inexistentes, enquanto Sancho Pança representa a voz da razão, tentando trazer o cavaleiro de volta à realidade. No entanto, com o desenrolar da narrativa, ocorre uma mudança sutil: Sancho passa a compartilhar dos devaneios do mestre, e, por vezes, é ele quem o conduz por caminhos fantasiosos. Essa transição, que pode passar despercebida em uma primeira leitura, é destacada por Ana Maria Machado de maneira simples e eficiente – como um curativo retirado de forma rápida e quase indolor:

Quando a gente olha o conjunto dessas aventuras, vai notando uma mudança. Nas primeiras trapalhadas, em que se mete, Dom Quixote se engana. Vê umas coisas e imagina outras. Vê umas lavadoras e as reverencia como se fossem damas. Encontra um viajante e exige homenagens à Dulcineia. Depois, aos poucos, vai ficando mais sensato. [...] A partir de um certo ponto, porém, são os outros que o enganam, pregam

peças nele, se reúnem para rir do Fidalgo. Como se ninguém suportasse a ideia de alguém querer consertar o mundo e, para isso, ter coragem e enfrentar qualquer um. Ele até desconfia de que as coisas não são bem como o que lhe mostram ou dizem, mas aí acontece uma coisa interessante. Cada vez mais, é Sancho quem acredita na imaginação e o convence de tanta vontade que tem de ganhar o governo da ilha (Machado, 2005, p. 32-34).

Ao chamar atenção para esse deslocamento de papéis, a autora introduz o jovem leitor à complexidade psicológica dos personagens e à crítica social presente na obra original. Dom Quixote, assim, deixa de ser apenas o “louco engraçado” e se torna uma figura emblemática de resistência ética e de idealismo em um mundo cínico – algo que Bakhtin (1979) já havia intuído ao analisar o romance moderno como espaço da polifonia e da luta entre vozes sociais. Em *A Estética da Criação Verbal*, o autor afirma que o romance é um gênero em que as vozes dos personagens, do narrador e da cultura se entrecruzam em conflito dialógico. Ana Maria Machado, ao recontar Dom Quixote como uma “conversa”, insere-se exatamente nessa lógica: ela dá voz ao narrador, aos personagens e ao leitor, estabelecendo uma interlocução rica e multiforme.

Além disso, a autora preserva o caráter metalinguístico da obra original. Em vários momentos, ela comenta o próprio ato de narrar, revela as escolhas feitas ao selecionar os episódios e explica, de forma acessível, conceitos como o do amor cortês, das ordens de cavalaria e do contexto histórico-literário de Dom Quixote. Dessa forma, o texto atua, também, como mediação cultural e pedagógica, permitindo que jovens leitores tenham acesso ao patrimônio literário da tradição ocidental sem perder o prazer da leitura.

Por fim, é importante destacar que, embora o texto seja orientado à recepção juvenil, ele não renuncia à complexidade simbólica da obra original. A loucura de Dom Quixote, por exemplo, é reinterpretada como fidelidade a um ideal, como capacidade de ver o mundo não apenas como ele é, mas como ele poderia ser. Trata-se, portanto, de uma transposição que conjuga síntese e profundidade, simplicidade e sofisticação. A prosa de Ana Maria Machado é lírica, fluente e cativante, construindo imagens sensíveis que estimulam a imaginação e a empatia do leitor.

Essa abordagem torna a versão de Machado ainda mais envolvente, sobretudo quando se considera que a obra de Cervantes. Embora muitas vezes subestimada por seu tom leve e

cômico, revela uma riqueza cada vez maior a cada nova leitura. Assim, ao recontar essa história para o público jovem, a autora não dilui sua complexidade, apenas oferece uma nova chave de acesso a um universo literário vasto e profundamente significativo.

3.1 Fortuna crítica.

O Cavaleiro do Sonho: As Aventuras e Desventuras de Dom Quixote de la Mancha (2005), de Ana Maria Machado, apresenta-se como uma releitura poética e didática do clássico cervantino, voltada ao público infantojuvenil. Reconhecida pela crítica literária por sua habilidade em transportar obras complexas para leitores jovens, Machado procura preservar o vigor simbólico e narrativo da obra original de Cervantes ao operar a própria produção literária.

Ao assumir a função de mediadora, Ana Maria Machado compartilha opiniões, defende Dom Quixote e explica aspectos sutis do romance, o que fomenta a proximidade com o leitor e a multiplicidade de sentidos. Essa intervenção é explicitada pela própria autora quando afirma: “Eu não ria. Metade de mim queria avisar ao cavaleiro: ‘Fique quieto no seu canto, não vá lá, não, porque não é nada disso que você está pensando...’ A outra metade queria ser igual a ele. Até hoje.” (Machado, 2005, p. 12).

Essa empatia incomum com o personagem central prepara o terreno para a complexidade simbólica que se mantém no texto, apesar do público-alvo juvenil. A inversão de papéis entre Dom Quixote e Sancho Pança é particularmente destacada, como o autor observa:

Quando a gente olha o conjunto dessas aventuras, vai notando uma mudança. Nas primeiras trapalhadas, em que se mete, Dom Quixote se engana [...] A partir de um certo ponto, porém, são os outros que o enganam, pregam peças nele... Cada vez mais, é Sancho quem acredita na imaginação e o convence de tanta vontade que tem de ganhar o governo da ilha. (Machado, 2005, p. 32-34)

Com efeito, críticos contemporâneos elogiam Ana Maria Machado por preservar a polifonia da obra cervantina, conforme apontado por Bakhtin (1988) na análise do romance moderno como espaço de múltiplas vozes sociais e ideológicas. O discurso entrecruzado dos personagens, do narrador e do leitor torna o texto uma experiência dialógica em que se destaca

valores como idealismo, resistência e sonho, sem reduzir Dom Quixote a uma figura unívoca ou caricata (Esteves, 2005).

Além disso, a presença de elementos metalinguísticos no texto – a autorreflexão sobre a narrativa, as escolhas editoriais e as explicações didáticas – constitui uma forma elegante de mediação cultural, que permite o acesso da juventude ao patrimônio literário ocidental, combinando educação e prazer (Ribeiro, 2018). A aproximação interdisciplinar com as aquarelas de Cândido Portinari também é destacada na crítica, ressaltando a potência simbólica da obra. Conforme registra Tomizaki: “A obra promove um diálogo entre linguagem literária e representações artísticas visuais, ampliando a experiência estética e cognitiva do leitor juvenil.” (Tomizaki, 2018, p. 74).

Por fim, é consenso na crítica que a reescrita de Ana Maria Machado não diminui a complexidade da obra cervantina, mas sim a oferece em uma nova possibilidade de acesso, combinando síntese, profundidade e sofisticação lírica. Desse modo, *O Cavaleiro do Sonho* contribui para a formação do leitor crítico, sensível e imaginativo, reafirmando a relevância da literatura clássica para o público contemporâneo (Lluch, 2003; Chauí, 2003).

3.2 Estratégias narrativas e estilísticas empregadas por Ana Maria Machado.

Tratando-se de estratégia narrativa, Ana Maria Machado destaca-se pela destreza em adaptar obras literárias, não apenas as transpondo, mas também inserindo o texto clássico no contexto infantojuvenil contemporâneo. Seu trabalho se traduz em releituras multifacetadas, carregadas de significados narrativos e simbólicos. Conforme proposto por García Pardo (2024), o mito quixotesco funciona como um arquitexto que permite muitas atualizações. Machado explora essa plasticidade ao apresentar Dom Quixote para além de um personagem icônico, sob a configuração de um ser complexo, imerso em um jogo dialógico de vozes e sentidos que dialoga com a multiplicidade discursiva apontada por Bakhtin (1988). Essa estreia dialogicidade confere à obra uma dimensão polifônica que convida os leitores a uma experiência crítica e reflexiva.

Segundo Castro Rocha (2013), a poética da emulação se caracteriza pela apropriação crítica e criativa do texto original, indo além da imitação para promover uma reinvenção – processo que Ana Maria Machado realiza ao valorizar a subjetividade e a profundidade ética do personagem e da narrativa. Em *O Cavaleiro do Sonho*, essa abordagem evidencia-se na forma como a autora mantém o humor e a crítica social cervantina, ao mesmo tempo em que humaniza Dom Quixote, desvelando seus ideais e contradições de forma acessível, mas não simplificada, respeitando a complexidade do original e oferecendo camadas de leitura para diferentes faixas etárias.

A estilística da narrativa de Ana Maria Machado utiliza recursos que criam um tom lúdico, mas também filosófico, estimulando a reflexão sobre a fronteira entre fantasia e realidade, muito presente na obra de Cervantes e ressaltada no estudo de Tomizaki (2018), o qual destaca a mediação cultural como elemento que abre espaço para o diálogo entre o texto clássico e a experiência do leitor infantil. Além disso, a interatividade narrativa, que se apoia em vozes mediadoras e em passagens que convidam a interpretação, segue a perspectiva de García Pardo (2024) sobre os múltiplos regimes e graus de atualização do mito quixotesco, reforçando a relevância da obra como uma releitura contemporânea.

A partir dessa base, é possível compreender que as estratégias estilísticas de Ana Maria Machado vão além de uma simples transposição pedagógica, constituindo uma prática de emulação literária que promove a formação de leitores críticos, sensíveis e capazes de dialogar com a tradição e os múltiplos sentidos do texto cervantino. Essa complexidade faz da obra uma verdadeira “conversa” com o clássico, como proposto por Machado (2005), em que o diálogo entre vozes, temas e perspectivas é constante e enriquecedor.

Em suma, a transposição de Ana Maria Machado destaca-se pelo equilíbrio entre a preservação da essência do Quixote e a reinvenção necessária para aproximar o clássico do público infantojuvenil, por meio de estratégias narrativas e estilísticas que valorizam o diálogo polifônico, a reflexão ética e a ludicidade crítica, fundamentadas nas teorias da hipertextualidade, da emulação e da mediação cultural.

4. ANÁLISE CONTRASTIVA

Ao examinar as transposições infantojuvenis de *Dom Quixote* feitas por Monteiro Lobato e por Ana Maria Machado, evidencia-se as particularidades e semelhanças de cada proposta. Apesar das abordagens únicas, ambos os trabalhos compartilham o propósito de difundir o clássico cervantino para novos leitores em diferentes contextos.

Monteiro Lobato, em *Dom Quixote das Crianças*, aposta em uma linguagem coloquial e acessível, alinhando o discurso ao universo cultural brasileiro, sobretudo o rural, inserido no cenário icônico de *Sítio do Picapau Amarelo*. Dona Benta assume o papel de transportar a história para o cotidiano conhecido das crianças, criando um ambiente no qual o clássico é apresentado numa perspectiva lúdica, marcada pela aventura e pelo humor direto. Essa proposta simplifica episódios do original, enfatizando o entretenimento e a formação moral infantil, embora à custa da complexidade filosófica e da ironia original. Silva (2025, p.28) enfatiza que “Ainda assim, é inegável que Lobato desempenhou um papel crucial na formação da literatura infanto-juvenil brasileira”.

Por sua vez, Ana Maria Machado privilegia uma releitura mais lírica, poética e introspectiva. A autora mantém a riqueza simbólica da obra de Cervantes e apresenta Dom Quixote como símbolo de idealismo e perseverança, numa narrativa que é, nas próprias palavras da autora, “uma conversa” com o leitor. Nessa conversa, Machado observa que a trajetória do cavaleiro se altera ao longo da história: nas primeiras “trapalhadas” o próprio Dom Quixote se engana, mas, a partir de certo ponto, são os outros personagens que passam a enganá-lo e a pregar-lhe peças. A autora ressalta, ainda, que essa mudança é acompanhada pela crescente convicção de Sancho Pança na imaginação do seu amo, sobretudo em sua “vontade de ganhar o governo da ilha” (Machado, 2005).

Essa passagem revela o cuidado da autora em explorar a complexidade psicológica e dialógica dos personagens, valorizada pela crítica paulista que se apoia em Bakhtin (1988) para refletir o romance como um espaço polifônico, onde múltiplas vozes sociais e perspectivas coexistem em conflito dialético. A obra de Machado reserva lugar para a reflexão, o idealismo e a resistência ética em um mundo muitas vezes cínico.

No que diz respeito aos personagens, a infantilização de Sancho Pança, na obra de Lobato, contrasta com a complexidade preservada por Ana Maria Machado, que permite aos jovens leitores captar as sutis nuances do vínculo entre o cavaleiro e seu fiel escudeiro. Este contraste exemplifica as diferenças estéticas e pedagógicas entre as transposições: a versão de Lobato é fortemente pedagógica e vinculada à formação moral, enquanto a de Machado privilegia a subjetividade e o pensamento crítico do leitor.

Cabe destacar que as duas versões se configuram como processos de mediação cultural, ainda que com diferentes ênfases. Lobato posiciona o clássico no paradigma da cultura brasileira do início do século XX, estabelecendo uma relação de identificação e pertencimento nacional. Machado, porém, responde às exigências de uma educação contemporânea que busca não apenas o conhecimento, mas também a formação integral do sujeito, conciliando valores cognitivos, afetivos e éticos.

Em suma, mesmo partindo de abordagens diferentes, as transposições de Monteiro Lobato e de Ana Maria Machado reforçam a vitalidade da obra cervantina, demonstrando o dinamismo e a relevância do texto clássico diante dos desafios da formação do leitor na sociedade brasileira.

4.1 As transposições como redução ou reescrita?

Ao analisar as transposições de *Dom Quixote* para o público infantojuvenil brasileiro, é necessário compreender que tais operações vão além de simples reduções do texto original, configurando processos complexos de reescrita e ressignificação. Segundo Jauss (2002), a recepção literária é um fenômeno dinâmico, em que o sentido da obra se transforma conforme o “horizonte de expectativa” do leitor e o contexto histórico-cultural da leitura. Sob essa perspectiva, as versões voltadas ao público jovem podem ser entendidas como respostas criativas, capazes de dialogar com novos tempos e leitores, preservando a essência da narrativa e criando novos sentidos.

É verdade que essas transposições apresentam algum grau de redução, seja na extensão narrativa, na complexidade sintática ou na densidade de episódios. Entretanto, essa escolha não

se deve à incapacidade dos jovens de compreender textos longos e complexos, visto que pesquisas sobre leitura infantojuvenil comprovam a capacidade cognitiva de crianças e adolescentes para lidar com obras mais densas. A redução, nesse caso, constitui uma estratégia deliberada para tornar a leitura mais atraente e acessível, antecipando o horizonte de expectativas do leitor e favorecendo o engajamento e a continuidade da leitura, sem sobrecarregá-lo com elementos que poderiam dificultar a compreensão imediata (Jauss, 2002).

Do ponto de vista teórico, Genette (1989) oferece uma perspectiva útil para compreender essas transposições: toda obra literária é um palimpsesto, ou seja, um texto que se sobrepõe a outros textos, podendo ser reescrito e reinterpretado de diversas maneiras. Nessa perspectiva, a redução não significa supressão arbitrária de conteúdo, mas adaptação deliberada para gerar novos sentidos e dialogar com o contexto cultural e linguístico do leitor infantojuvenil. Stierle (1979) complementa essa ideia ao destacar que a construção de significado depende ativamente do leitor, que interpreta a obra a partir de suas próprias experiências. Assim, mesmo com a diminuição de páginas ou episódios, as transposições preservam a riqueza narrativa, promovendo engajamento, empatia e reflexão crítica.

Ademais, as transposições brasileiras incorporam elementos culturais próprios, conferindo às obras funções e sentidos distintos da narrativa cervantina original. A proposta de Ana Maria Machado valoriza a dimensão afetiva e introspectiva de *Dom Quixote*, permitindo ao jovem leitor uma aproximação mais profunda do protagonista. Monteiro Lobato, por sua vez, utiliza uma linguagem e um ritmo próximos da oralidade infantil, favorecendo a compreensão e o prazer da leitura. Dessa maneira, as transposições não se limitam a encurtar a obra, mas reinventam a narrativa, preservando seu núcleo temático e seu potencial de diálogo com novos públicos.

Portanto, embora haja uma redução formal em termos de extensão, a transposição de *Dom Quixote* para o público infantojuvenil brasileiro não se configura como mera simplificação. Trata-se de um processo estratégico de reescrita, que equilibra fidelidade temática, adaptação cultural e engajamento do leitor, garantindo que a obra continue relevante e significativa para novas gerações.

4.2 Capítulos mais valorizados e suas transformações.

Ao longo das diversas versões e transposições de *Dom Quixote*, determinados capítulos ganham destaque especial pela carga simbólica, temática e narrativa, tornando-se pontos centrais para a compreensão e reinterpretação da obra. Estes capítulos, além de reverberarem elementos essenciais do texto cervantino, são valorizados por sua capacidade de conflitos universais como o embate entre realidade e fantasia, o idealismo e a lucidez, o sonho e a desilusão.

No processo de adaptação para o público infantojuvenil, tais capítulos são objetos de transformações significativas que refletem as necessidades culturais, cognitivas e afetivas de seus leitores. Essas transfigurações envolvem deslocamentos narrativos, estilísticos e ideológicos que, mesmo modificando a superfície do texto, preservam sua essência e potencial simbólico. Tal dinâmica confirma a visão de García Pardo (2024), que conceitua o mito quixotesco como um arquivo aberto a múltiplas atualizações, mantendo sua base central enquanto se adapta a diferentes contextos culturais e históricos.

Além disso, a análise da transposição dos capítulos permite observar contrastes metodológicos entre autores, conforme previsto na poética da emulação descrita por Castro Rocha (2013) e na polifonia dialógica identificada por Bakhtin (1988). Enquanto algumas versões priorizam a acessibilidade e o caráter pedagógico por meio de simplificações e mediações lúdicas, outras aprofundam o conteúdo simbólico e reflexivo, enriquecendo a experiência estética e cognitiva do leitor infantil ou juvenil.

Ao destacar capítulos mais valorizados e suas transformações, este estudo busca não apenas fomentar o diálogo sobre a recepção e reescritura de um clássico universal, mas também contribuir para a compreensão dos mecanismos pelos quais a literatura clássica permanece viva e relevante, dialogando continuamente com novas gerações de leitores por meio de palavras, imagens e sentidos continuamente renovados.

Em relação às duas partes da obra de Cervantes, é a primeira que recebe maior atenção nas reescrituras de Monteiro Lobato e Ana Maria Machado. Ambos privilegiam os episódios iniciais de *Dom Quixote*, especialmente aqueles que enfatizam o embate entre idealismo e

realidade, como os moinhos de vento e a batalha contra os rebanhos, por sua força simbólica e potencial lúdico. A segunda parte, embora rica em reflexões sobre o desencanto e a morte do protagonista, é menos explorada em suas versões, pois o foco está na construção do mito quixotesco e na manutenção de um tom esperançoso e inspirador para o público jovem.

A morte de Dom Quixote, tão central na obra original, não tem a mesma importância nas reescrituras de Lobato e Machado. Ambos optam por não enfatizar o desfecho trágico, preferindo destacar a persistência do sonho e o valor da imaginação, mesmo diante das adversidades. Isso se reflete na ausência de um capítulo específico sobre a morte ou na sua transformação em um momento de superação, mantendo o espírito de luta e otimismo do personagem. Além disso, algumas das obras trazem acréscimos ou continuidades do mito quixotesco, ampliando o universo de Dom Quixote com novos episódios ou personagens que dialogam com o espírito da aventura e da fantasia. Essa visão geral serve como pano de fundo para a análise do episódio de I, 8, mostrando como os autores recriam e atualizam o mito quixotesco, adaptando-o às necessidades culturais e afetivas do público infantojuvenil, sem perder sua essência simbólica.

4.3 A luta contra os moinhos de vento: três versões do delírio cavaleiresco

Entre os muitos episódios emblemáticos da obra original de Miguel de Cervantes, a luta contra os moinhos de vento – presente no capítulo VIII da primeira parte de *Dom Quixote de la Mancha* – é amplamente reconhecida como símbolo do conflito entre realidade e fantasia. Por isso mesmo, esse trecho foi recriado tanto por Monteiro Lobato, em *Dom Quixote das Crianças*, quanto por Ana Maria Machado, em *O Cavaleiro do Sonho*. Ao analisar as duas transposições, evidencia-se as estratégias utilizadas pelos autores ao adaptarem a cena para seus respectivos públicos infantojuvenis, preservando a essência narrativa e, ao mesmo tempo, operando deslocamentos linguísticos, ideológicos e estéticos.

No original cervantino, Dom Quixote, tomado pela ilusão cavaleiresca, confunde os moinhos de vento com gigantes, contra os quais investe heroicamente, enquanto Sancho Pança

tenta demovê-lo da ilusão. Como se lê em Cervantes (I, 8), a partir da epígrafe que encabeça o capítulo (*Do grande êxito que o valente Dom Quixote teve na espantosa e jamais imaginada aventura dos moinhos de vento, com outras coisas dignas de feliz lembrança*):

Nisso, avistaram trinta ou quarenta moinhos de vento que há naquele campo. Mal dom Quixote os viu, disse a seu escudeiro: — O acaso vai guiando nossas coisas melhor do que poderíamos desejar: olha lá, amigo Sancho Pança, onde estão uns trinta gigantes monstruosos, com quem penso travar batalha e a todos tirar as vidas. Com os despojos deles começaremos a enriquecer, que esta guerra é boa, e grande serviço presta a Deus quem varre da face da terra semente tão maligna. — Que gigantes? — disse Sancho Pança. — Aqueles ali, de braços compridos — respondeu o amo. — Alguns costumam ter braços de quase duas léguas. — Olhe vossa mercê — respondeu Sancho —, aqueles que estão ali não são gigantes, mas moinhos de vento, e o que neles parecem braços são as pás, que, rodadas pelo vento, fazem trabalhar as mós. — Bem se vê — respondeu dom Quixote — que não és versado em aventuras: eles são gigantes. E, se tens medo, some-te daqui e fica rezando enquanto isso, porque vou travar com eles uma batalha feroz e desigual (Cervantes, 2005, p. 120).

Monteiro Lobato, por sua vez, reescreve o episódio com uma linguagem acessível, direta e com clara orientação pedagógica. Na sua versão, o diálogo é simplificado e há um apelo lúdico que aproxima a cena do universo das crianças:

Nesse momento entrou Dona Benta, que vinha continuar a história. Sentou-se e disse: — Muito bem. Onde ficamos ontem? — Dom Quixote estava outra vez na estrada, em companhia de Sancho, conversando sobre a ilha — lembrou Pedrinho. — Isso mesmo — disse Dona Benta. — Estavam a conversar sobre a futura ilha de Sancho, quando o herói viu ao longe uns vinte ou trinta moinhos de vento.

— Sancho, meu caro Sancho! — bradou Dom Quixote. — A fortuna começa a favorecer-nos. Não vês lá ao longe aquele exército de gigantes? — Gigantes? — repetiu o escudeiro voltando-se para todos os lados. — Não vejo nem sombra de gigantes, senhor. . . — Aquilo, acolá — disse Dom Quixote, com o magro dedo apontado. — Oh, senhor! Aquilo nunca foi exército de gigantes. Não passa duns tantos moinhos de vento. Nada mais. — São gigantes, sim — insistiu o herói; — vou combatê-los. Depois de derrotados, ficaremos com os despojos. Ajoelha-te, Sancho, e reza enquanto dou cabo dos monstros... (Lobato, 2008, p. 87).

Nessa transposição, o foco está na aventura como brincadeira, e na imaginação como força criadora, porém controlada por uma moral subjacente. Conforme Genette (2010), esse tipo de transformação pode ser compreendido como transposição, uma reescrita que altera o modo de apresentação (modo narrativo, linguagem, foco de recepção), mas mantém a base hipotextual, ou seja, o enredo de origem.

Já Ana Maria Machado oferece uma versão que estiliza a narrativa com toques poéticos e com uma linguagem marcada por leveza e lirismo:

Isso não quer dizer que eles concordassem sempre, muito pelo contrário. Um dia, por exemplo, chegaram a um campo onde haviam uns quarenta moinhos de vento.

— Vês a minha sorte, Sancho? Lá estão dezenas de gigantes. Vou livrar o mundo desses malvados. Veja como giram os braços me provocando.

— Gigante, senhor? Braços? São apenas uns moinhos de vento. Girando as pás— discordou Sancho, tranquilo. Não adiantou. Dom Quixote já investia contra os moinhos a todo galope, de lança em punho e ameaçando:

— Covardes! Não fujais! Não leventeis os braços pedindo clemência! Sou apenas um cavaleiro, mas vou liquidá-los. Nunca mais maltratareis os indefesos! Arremeteu, fincou a lança numa das pás e lá se foi pelos ares, jogando longe pela força dos ventos. Sancho correu para acudi-lo:

— Eu não disse que eram apenas Moinhos?

— Não eram. Viraram Moinhos, por artes de um feiticeiro que os protege.

Era sempre assim, em toda parte, o cavaleiro olhava para as coisas e pessoas comuns e via malvados que precisava combater para ajudar os fracos. O escudeiro sempre tentava-lhe mostrar a realidade, mas não conseguia. E no fim das surras e quedas, todo machucado, Dom Quixote ficava convencido de que os bruxos, seus inimigos, trabalhavam para impedir que ele livrasse o mundo do que estava errado. Com seu cavalo magro, sua armadura velha e uma bacia de barbeiro na cabeça, em lugar do elmo com viseira que se quebrara (Machado, 2002, p.21).

As duas versões da luta contra os moinhos de vento em *Dom Quixote* ilustram a riqueza e a complexidade do processo de transposição literária, no qual um texto original é adaptado para diferentes contextos culturais, temporais e demográficos, mantendo sua base narrativa enquanto altera suas características formais, linguísticas e ideológicas.

Na obra original de Miguel de Cervantes, o episódio representa um dos mais emblemáticos confrontos entre ilusão e realidade, onde Dom Quixote, imerso em sua fantasia cavaleiresca, interpreta os moinhos de vento como gigantes maléficos. Essa cena, repleta de ironia e simbolismo, não é apenas sintetizada no caráter tragicômico da figura do cavaleiro andante, como também propicia uma reflexão profunda sobre os limites da imaginação humana, a necessidade do sonho e os riscos de perda do senso crítico. A linguagem utilizada por Cervantes é densa, com um tom narrativo que equilibra o sério e o humorístico, convidando o leitor a uma leitura multifacetada da situação.

Monteiro Lobato, ao transportar essa cena para *Dom Quixote das Crianças*, promove uma adequação fundamental que atende às necessidades cognitivas e afetivas do público infantil. A linguagem simplificada, o tom pedagógico e o apelo ao lúdico específico se fazem estratégias conscientes para tornar o episódio acessível, instigando a imaginação sem perder o sentido de diversão e da aprendizagem. Essa adaptação exemplifica o conceito teórico de Genette (2010) de transposição como modalidade que altera o modo narrativo para se adequar a um novo público, aqui infantojuvenil, sem alterar o enredo fundamental.

No caso de Ana Maria Machado, sua releitura em *O Cavaleiro do Sonho* expande a dimensão literária da cena, incorporando elementos poéticos e um lirismo que suavizam o confronto entre Dom Quixote e os “moinhos” mágicos. A autora explora a fantasia como um espaço de encantamento, revelando também a fragilidade e persistência de Dom Quixote diante dos “bruxos” que, em sua visão, transformam o mundo. Essa abordagem enfoca a complexidade psíquica do personagem e valoriza a subjetividade, alinhando-se a uma sensibilidade literária contemporânea que privilegia o emocional e o simbólico, tornando o texto atraente para leitores jovens que já começam a experimentar literaturas com múltiplas camadas interpretativas.

Para além dessas versões, é relevante destacar que o episódio dos moinhos tem sido recriado e reinterpretado inúmeras vezes, em diferentes mídias, incluindo teatro, cinema, artes visuais e literatura juvenil contemporânea. Cada reinterpretação carrega consigo um jogo de modificações ideológicas e estéticas que refletem as condições culturais de sua produção. Por exemplo, as adaptações mais recentes podem enfatizar a crítica social ou elementos de empoderamento, reformulando o idealismo de *Dom Quixote* para dialogar com questões atuais de justiça, meio ambiente ou identidade.

Portanto, as transformações nessas versões do episódio-chave do livro de Cervantes evidenciam o potencial da literatura clássica para se reinventar e continuar relevante, convertendo-se em um espaço de debate sobre a relação entre sonho e realidade, entre passado e presente. Tal vitalidade é crucial para a sobrevivência da obra como patrimônio cultural e para sua atualização em contextos educacionais e artísticos diversos.

Em suma, o estudo comparativo dessas obras revela não apenas adaptabilidades narrativas, mas, sobretudo, as propostas e negociações entre manter a fidelidade à obra original e abrir espaço para inovações que respeitam, ampliam e reinventam seu valor estético e ideológico. Isso confirma que a literatura é um campo vivo e em constante transformação, tão sonora quanto as sociedades que produzem e consomem.

5. ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

Este trabalho teve como objetivo principal analisar as transposições infantojuvenis de *Dom Quixote de la Mancha* produzidas por Monteiro Lobato, em *Dom Quixote das Crianças* (1936), e por Ana Maria Machado, em *O Cavaleiro do Sonho* (2005). Ao longo dos capítulos, foi possível observar como cada autor, por meio da transposição, dialoga com o texto cervantino, reinterpretando-o para um público jovem brasileiro, a partir de estratégias narrativas, estilísticas e culturais diferenciadas.

A análise revela que, embora os autores mantenham o núcleo temático central da obra original, suas versões se distanciam em aspectos essenciais. Lobato enfatizou a simplificação linguística e a nacionalização cultural, transportando uma aventura quixotesca para o universo lúdico do *Sítio do Picapau Amarelo* através de uma mediação focada na formação moral e no entretenimento infantil. Já Ana Maria Machado construiu uma narrativa poética, introspectiva e simbolicamente rica, que valoriza a subjetividade e preserva a complexidade psicológica e ética dos personagens, propondo uma aproximação crítica e emocional para o jovem leitor contemporâneo.

Os resultados alcançados, ainda que modestos, demonstram que a transposição literária, longe de ser mera adaptação ou simplificação, configura-se como um processo complexo de reescrita e mediação cultural que assegura a vitalidade da tradição literária em novos contextos, contribuindo para a formação leitora, crítica e afetiva das novas. Essa atualização é essencial para manter a relevância dos clássicos nas práticas educativas e culturais atuais.

O episódio de Dom Quixote I, “a batalha contra os moinhos de vento”, foi analisado como um dos pontos de inflexão simbólicos nas transposições. Em ambas as versões, o episódio é ressignificado: Lobato o transforma em uma brincadeira que reforça a imaginação infantil, enquanto Machado o utiliza para explorar o conflito interno entre idealismo e realidade, destacando o aspecto introspectivo e crítico da aventura. Essa leitura permite perceber como o episódio não é apenas um momento de ação, mas um convite à reflexão sobre os limites do sonho e da coragem.

Por fim, este estudo contribui, de forma geral, para a leitura e a crítica literária, e para o campo da pesquisa literária infanto-juvenil, em específico, ao problematizar as relações entre tradição e inovação, entre o texto original e as suas versões, ressaltando a importância de compreender as transposições como gestos criativos que dialogam com as transformações sociais, culturais e educacionais vivenciadas pelo público infantil e juvenil.

5.1 Reflexões sobre a importância das transposições.

As transposições literárias, sobretudo quando voltadas para o público infantojuvenil, exercem papel essencial na construção da experiência do leitor e na perpetuação da tradição literária. Elas vão além da simples adaptação, constituindo diálogos entre passado e presente, entre clássicos e leitores contemporâneos, conforme destaca Gérard Genette (2010) em sua teoria da hipertextualidade.

No âmbito das transposições de *Dom Quixote*, as obras de Monteiro Lobato e de Ana Maria Machado assumem diferentes papéis no diálogo com seus públicos. Em *Dom Quixote das Crianças* (1936), Lobato articula o texto cervantino com a cultura brasileira, inserindo-o no contexto lúdico e familiar do Sítio do Picapau Amarelo. Essa mediação cultural, conforme apontado por Tomizaki (2018), cria um vínculo afetivo e discursivo, favorecendo a recepção infantil. A linguagem oral e os elementos da cultura popular promovem um sentido de pertencimento essencial para a formação do jovem leitor (Coelho, 2000).

Por sua vez, em *O Cavaleiro do Sonho* (2005), Ana Maria Machado propõe uma transposição que valoriza a subjetividade, a densidade simbólica e a reflexão ética, com base na concepção bakhtiniana de multiplicidade de vozes (Bakhtin, 1988). Sua reescritura configura uma conversa dialógica entre personagens que promove uma leitura interpretativa crítica e multifacetada (Machado, 2005).

Estudos como os de García Pardo (2024) e Santiago López de Navia (1996) enfatizam as diferenças entre essas transposições no que tange à natureza da imitação cervantina e suas implicações. López de Navia destaca que “as continuações, imitações e descrições do Quijote constituem um conjunto narrativo onde a figura do narrador joga um papel decisivo na mediação entre a originalidade e a dependência em relação ao texto cervantino” (López de Navia, 1996, p. 45). Já García Pardo propõe que o mito quixotesco se compreenda como um arquitexto multifacetado, no qual “os mitemas e motivos se combinam em diferentes regimes e graus de atualização, permitindo assim a adaptação e reinvenção constante em diferentes contextos culturais” (Pardo, 2024, p. 112).

Nessa perspectiva, a transposição de Lobato pode ser entendida mais como uma imitação, que recria o clássico por meio da simplificação e da adequação ao universo infantil e cultural brasileiro, conferindo-lhe uma função educativa e cultural consolidada (Pardo, 2024). Já a emulação, como definida por Castro Rocha (2013) em seus estudos sobre Machado de Assis, implica uma apropriação crítica e criativa de um modelo cultural, buscando reinventá-lo e enriquecê-lo. Sob essa perspectiva, a versão de Ana Maria Machado assume o papel da emulação, pois realiza uma releitura consciente e reflexiva de Quixote, valorizando sua complexidade simbólica e ética, estimulando um leitor ativo e crítico.

Assim, as duas transposições dialogam com o clássico sob modalidades distintas: Lobato prioriza a função social e pedagógica da imitação dentro do quadro do seu universo cultural, enquanto Ana Maria Machado amplia o horizonte da experiência estética e hermenêutica, situando-se no quadro de uma poética da emulação. Essa distinção está implícita na própria natureza metamórfica do mito quixotesco, conforme descrito por Pardo (2024), que

ênfatisa as características do Quixote como arquiteyto capaz de se moldar a diferentes regimes e pùblicos.

Por conseguinte, as transposições promovem diferentes processos de ressignificação literária: ambas resgatam a relevância do clássico e garantem sua vitalidade, mas uma se ancora na adaptação funcional e didática (Lobato), enquanto a outra busca a reinvenção crítica e simbólica (Ana Maria Machado). Essa dualidade evidencia os potenciais múltiplos da tradição literária e sua importância para a formação cultural e educativa das novas gerações.

5.2 Impacto das versões na difusão do Dom Quixote no Brasil.

O impacto das versões de *Dom Quixote* no Brasil é complexo e multifacetado, envolvendo processos culturais, literários e educacionais que se desenrolaram ao longo da história. Conforme Maria Augusta da Costa Vieira (2013), no Brasil, a difusão do mito do cavaleiro andante ocorreu historicamente por meio de traduções, estudos críticos e releituras que adaptaram a obra ao contexto cultural brasileiro, estabelecendo vínculos de identificação e ressignificação da obra. Desde a recepção inicial, influenciada pela Geração espanhola de 98 e por pensadores como Miguel de Unamuno, as versões brasileiras buscaram adequar o texto às demandas locais, incorporando elementos da tradição nacional. Vieira destaca que “a narrativa do cavaleiro andante foi ajustada às nossas ideias e ao modo de pensar, envolvendo-o nas questões mais pertinentes do nosso tempo” (Vieira, 2013, p. 14).

Eventos como a comemoração do terceiro centenário da primeira parte da obra, realizados em 1905 pelo Gabinete Português de Leitura, reforçaram seu impacto cultural no Brasil, contribuindo para sua permanência e ressignificação no imaginário nacional. Além disso, autores brasileiros, como Monteiro Lobato e Ana Maria Machado, desempenharam papel fundamental na democratização do acesso à obra, adequando sua linguagem e simbologia à experiência do público infantojuvenil. Essas versões articulam dimensões lúdicas, pedagógicas e simbólicas do clássico, garantindo sua inserção nos currículos escolares e sua importância na formação cultural dos leitores jovens (Ribeiro, 2011).

É importante destacar que a produção acadêmica nas universidades brasileiras evidencia a presença dos estudos cervantinos no Brasil e o papel decisivo das chamadas adaptações para a perenidade do legado de Cervantes (Vieira, 2012). Trabalhos como a dissertação de Costa Bento (2023), para citar apenas um exemplo, reforçam a compreensão das transposições como processos ativos de mediação cultural que revitalizam e mantêm a presença do clássico na cultura brasileira. O trabalho de Bento, assim como o presente estudo, responde ao estímulo inicial do programa iniciado em Carvalho (2022), cujo objetivo é ampliar o repertório das leituras críticas sobre Cervantes a partir das noções de recepção e intertextualidade, dentro de um programa que situa o interesse pela obra cervantina no âmbito dos estudos levados a cabo pelo Grupo de Pesquisa Estudos de Recepção e Intertextualidade da Universidade de Brasília.

Dessa forma, o impacto das versões brasileiras transcende a mera tradução ou adaptação: constitui um movimento dinâmico e criativo de ressignificação literária, capaz de preservar e renovar a relevância de Dom Quixote, garantindo seu diálogo contínuo com tradições culturais diversas e com as transformações históricas e sociais do Brasil contemporâneo.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL (ABLIJ). **Dom Quixote das Crianças**. Anais do XIV Congresso da ABLIJ, 2014. Disponível em: https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais14/Sem09/C09029.doc. Acesso em: 7 out. 2025.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Márcio Seligmann-Silva. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

BENTO, Letícia Lenne da Costa. **Recepção e intertextualidade de Dom Quixote no espetáculo Mamulengo de la Mancha**. 2023. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e

Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2023. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/35769>. Acesso em: 3 out. 2025.

BRASIL ESCOLA. **Dom Quixote**: resumo, enredo, moral, contexto. 16 mar. 2025. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/dom-quixote.htm>. Acesso em: 7 out. 2025.

CARVALHO, Erivelto da Rocha. **Dom Quixote de la Mancha em Brasília**: recepção e intertextualidade no quadro das literaturas ibero-americanas. In: Juliana Mantovani e outros (org.). *Artefatos literários: entre textos, mídias e artes*. v. I. São Paulo: Ed. Cultura Acadêmica, 2020. p. 210-230.

CASTRO ROCHA, João Cezar de. **Machado de Assis**: por uma poética da emulação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote de La Mancha**. Tradução de Sérgio Molina. São Paulo: Editora 34, 2005.

COSTA PINA, P. K. da. **Esboço de uma poética da leitura em Dom Quixote das Crianças**. *Literatura, Teatro & Pesquisa*, v. 1, 2009. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/viewFile/617/387>. Acesso em: 7 out. 2025.

COSTA VIEIRA, Maria Augusta da. **Recepção e ressignificação do mito do cavaleiro andante no Brasil**. 2013. Disponível em: https://www.teses.usp.br/index.php?option=com_jumi&fileid=17&Itemid=160&id=A7A375F4BB1A&lang=pt-br. Acesso em: 3 out. 2025.

ECO, Umberto. **Os limites da interpretação**. Tradução de Solange Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 2009.

ECOFUTURO. **Narrar: um modo de ler**. Breve olhar sobre Dom Quixote das Crianças. 2012. Disponível em: <http://www.ecofuturo.org.br/narrar-um-modo-de-ler-breve-olhar-sobre-dom-quixote-das-criancas/>. Acesso em: 7 out. 2025.

EDUCA MAIS BRASIL. **Dom Quixote – Resumos de livros ENEM**. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/resumos-de-livros/dom-quixote>. Acesso em: 7 out. 2025.

EVENTOS PEDAGÓGICOS. **A obra “Dom Quixote das Crianças”**: um encontro com a literatura econômica e a aprendizagem. *Revista Eventos Pedagógicos*, v. 1, p. 399-406, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/article/view/9168>. Acesso em: 7 out. 2025.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. Tradução de Fernando Scheibe. Florianópolis: EdUFSC, 2010.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. 2. ed. Nova Iorque: Routledge, 2013.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. Tradução de João Barroso. São Paulo: 34, 1996.

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM (IEL). **Monteiro Lobato e Dom Quixote**: viajantes nos caminhos da literatura. Campinas, SP: IEL Unicamp, 2008. Disponível em: <https://www2.iel.unicamp.br/webdocs/iel/monteirolobato/outros/QuixoteIEL.pdf>. Acesso em: 7 out. 2025.

JAUSS, Hans Robert. **Literatura e recepção**. Tradução de Marina Madeira. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

KRISTEVA, Julia. **A revolução da linguagem poética**. Tradução de Maria Célia Leite da Silva. São Paulo: Cultrix, 1974.

LOBATO, Monteiro. **Dom Quixote das Crianças**. São Paulo: Brasiliense, 1936.

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

LOBATO, Monteiro. **O Saci**. São Paulo: Editora Paulus, 2025.

LOBERATE, Marina Lopes Ribeiro. **D. Quixote e Monteiro Lobato**: o engenhoso caminho ao mundo infantojuvenil. Monografia (Bacharelado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/1813/1/2011_MarinaLopesRibeiro.pdf. Acesso em: 7 out. 2025.

MACHADO, Ana Maria. **O cavaleiro do sonho**: as aventuras e desventuras de Dom Quixote de la Mancha. São Paulo: Objetiva, 2005.

MONFORTE, J. S. **Uma análise de “Dom Quixote das Crianças” em quadrinhos**: a subjetividade da imagem na construção do discurso verbo-visual. *Anais do IXSAPPIL*, 2019. Disponível em: <http://www.anaisdosappil.uff.br/index.php/IXSAPPIL-Ling/article/view/992>. Acesso em: 7 out. 2025.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

OCTAVIO PAZ. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

PARDO, Pedro Javier. **El Quijote architextual: poética del mito quijotesco**. Anales Cervantinos, n. 56, 2024. DOI: <https://doi.org/10.3989/anacervantinos.2024.578>.

PARENTE, L. R. **Um breve estudo sobre a composição de Dom Quixote das Crianças, de Monteiro Lobato**. Moara, v. 1, p. 78-91, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/7808/0>. Acesso em: 7 out. 2025.

PONTA. **O professor é um Dom Quixote**. Disponível em: <https://pontue.com.br/o-professor-e-um-dom-quixote/>. Acesso em: 7 out. 2025.

PORTAL EDUCAPES. **Dom Quixote – Portal eduCapes**. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/492804>. Acesso em: 7 out. 2025.

PRADO, A. O. M. A. **Um estudo de Dom Quixote das Crianças, de Monteiro Lobato**. 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/1096>. Acesso em: 7 out. 2025.

PROJETO QUIXOTE. **Início**. 2025. Disponível em: <https://www.projetoquixote.org.br>. Acesso em: 7 out. 2025.

RIBEIRO, Marina Lopes. **Dom Quixote das Crianças: um encontro com a literatura econômica e a aprendizagem**. Revista Eletrônica de Produção e Ensino em Saúde, v. 1, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/rep/article/view/9168>. Acesso em: 7 out. 2025.

RIBEIRO, Marina Lopes. **Dom Quixote e as transposições literárias infantojuvenis no Brasil**. 2011. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/35769>. Acesso em: 3 out. 2025.

SILVA, Maria do Rosário. **A importância de Monteiro Lobato para a construção da literatura infanto juvenil brasileira**. 2025. 47 f. Monografia (Licenciatura em Letras Portuguesas) - Universidade Estadual do Piauí, Elesbão Veloso, 2025.

SORRIA E APRENDA – PORTUGUÊS. **Dom Quixote de la Mancha para crianças – Contos Clássicos**. YouTube, 9 abr. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2uPvFoGT7mQ>. Acesso em: 7 out. 2025.

SOUZA, Marileide Alves Rocha. **A literatura na escola: prazer na formação do gosto, experiência em leitura com alunos do ensino fundamental**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

TODA MATÉRIA. **Dom Quixote**. 10 mar. 2020. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/dom-quixote/>. Acesso em: 7 out. 2025.

YOUTUBE. **Resenha:** Dom Quixote das Crianças. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=MtTVivyL91Y>. Acesso em: 7 out. 2025.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.